

IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL · ACADEMIA DE ESCOLAS
DE ARQUITECTURA E URBANISMO DE LÍNGUA PORTUGUESA · AEALP



A LÍNGUA QUE Belo Horizonte · Inhotim HABITAMOS 25 › 28 Abril 2017

**VI. A Forma da Arquitetura
na Cidade Contemporânea**



ACADEMIA de ESCOLAS
de ARQUITETURA e URBANISMO
de LÍNGUA PORTUGUESA

TÍTULO: A Língua que Habitamos

EDIÇÃO: Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa

DESIGN GRÁFICO: Elisabete Rolo

PAGINAÇÃO: Joana Silva | Mariana Torres Fernandes

FOTOGRAFIA DE CAPA: Fernando Guerra

Abril de 2017

IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL ACADEMIA DE ESCOLAS
DE ARQUITECTURA E URBANISMO DE LÍNGUA PORTUGUESA - AEALP

A LÍNGUA
QUE Belo Horizonte • Inhotim
25 > 28 Abril 2017
HABITAMOS

A Forma da Arquitetura na Cidade Contemporânea

**A Assistência Técnica como tradução dialógica para a Casa
Sonhada: O Processo Participativo na Melhoria da Habitação de
Interesse Social na Favela da Rocinha, no Rio De Janeiro 15**

SYLVIA MEIMARIDOU ROLA

MÁRIO SALEIRO FILHO

A Cidade dos Sonhos de Francisco de Holanda 28

FELIPE DE ANDRADE ABREU E LIMA

**A continuidade da azulejaria luso-brasileira na obra
de Adriana Varejão 41**

ALESSANDRA C. B. BEDOLINI

**A intervenção brutalista no Clube do Trabalhador
de Campina Grande 56**

LAÍS BEZERRA TENÓRIO CAVALCANTI

CAMILLA THAIS DE MENESES LANDIM

MARJORIE GARCIA;

**A projeção do "Plano de Urbanização e Extensão da Cidade
de Juiz de Fora (1944/1951)" sobre a rua Marechal Deodoro
(parte baixa) 69**

DANIEL DE ALMEIDA MORATORI

**A Verticalização (Quando) Possível na Cidade De Joinville - SC: A
cidade como pode ser, o projeto urbano e a realidade material 81**

NAUM ALVES DE SANTANA

ELSON MANGEL PEREIRA

Arquitetura como Ponte para a Cidadania: A Praça de Paraíso 94

RAFAEL DE CONTI LORENTZ

**Arte e Arquitetura como discursos políticos: um estudo comparativo
sobre a concepção arquitetônica do Pavilhão Mourisco (FIOCRUZ)
e da Faculdade Nacional de Arquitetura (UFRJ) 106**

MARCELO DA ROCHA SILVEIRA

LUCAS ELBER DE SOUZA CAVALCANTI

Janelas da/na Cidade: Uma experiência de intercâmbio Brasil-Portugal, através do desenho de locação 212

EUNÁDIA SILVA CAVALCANTE

O habitar mínimo em Natal (RN): análise sintática de habitações verticais produzidas pelo mercado imobiliário 225

PRISCILA FERREIRA DE MACEDO*

O Trabalho invade o Sofá da Casa: Anotações sobre a cultura de morar Contemporânea Brasileira 238

ANA ELÍZIA DA COSTA BRUNO LOUZADA

O uso da estrutura formal como mecanismo de análise da arquitetura contemporânea. 250

TAMIRES OLIVEIRA CABRAL

One IBM Plaza - Intervenções contemporâneas no edifício moderno 262

MARINA SCHULER BONZANINI DA LUZ*

Os Espaços Das Intersecções: Relações entre arquitetura, arte e cidade sob o olhar dos edifícios culturais contemporâneos 271

THEALITA CARVALHO M. DE CASTRO

NÚBIA BERNARDE

Padrões de ocupação do solo e níveis de urbanidade: o caso do Altiplano Cabo Branco em João Pessoa 284

DAYSE LUCKWÖ MARTINS

MARIANA MUNIZ MACÊDO HENRIQUE DOS SANTOS

SÔNIA MATOS FALCÃO

VIVIANNE CARVALHO DO BÔ

Percorrendo a Ceilândia /DF: Versões de uma arquitetura vernácula ou popular? 296

ANA LUIZA FERREIRA VEIGA BARROS

Poesias de Nicolas Behr: representações sociais e imaginário de Brasília nos anos 70 308

ANNA LUÍSA ALBANO

ELANE RIBEIRO PEIXOTO

Projetos experimentais para a cidade que podemos habitar 318

LÍVIA PAULA ZANELLI DE MORAIS

Janelas da/na Cidade: Uma experiência de intercâmbio Brasil-Portugal, através do desenho de locação

EUNÁDIA SILVA CAVALCANTE

JOSÉ CLEWTON DO NASCIMENTO

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

Essa atividade consiste em uma contribuição para o processo de ensino-aprendizagem relacionado ao desenho de observação como instrumento de percepção, registro e de educação patrimonial, a partir de um workshop de desenhos de locação, realizado no sítio histórico da cidade de Torres Vedras (Portugal). A atividade foi ministrada para duas turmas, com vinte alunos cada, da Escola Secundária Henriques Nogueira. Os participantes foram incentivados à prática da observação/apreensão dos elementos que, de forma articulada e relacional, compõem a morfologia das cidades, realizando registros, a partir de técnicas de desenho já conhecidas - uma vez que o propósito da atividade considera o registro de um olhar mais atento para o ambiente circundante -, que expressem a materialidade destas relações. Ao final da atividade prática, todos se reuniram em torno dos desenhos para discutir sobre o que foi apreendido e sobre como a atividade interferiu na forma de ver/perceber o espaço construído.

Palavras-Chave

Desenho; Croqui; Educação patrimonial; Espaço construído; Torres Vedras.

Introdução

Considerando o desenho como uma das linguagens do arquiteto, através do qual ele expressa suas impressões acerca do ambiente construído e suas ideias, e compreendendo a importância das atividades que incentivem o percorrer a cidade fazendo registros gráficos com o tempo necessário para perceber desde relações entre edifício – inserido na paisagem construída ou natural – até relações entre elementos do próprio edifício, realizamos uma experiência na cidade de Torres Vedras (Portugal), com o formato de um workshop de desenhos de locação, em trecho do sítio histórico da referida cidade, com a finalidade de, a partir do incentivo à prática da observação/ apreensão dos elementos que, de forma articulada e relacional, compõem a morfologia – forma urbana – de nossas cidades, os participantes pudessem realizar registros que exprimissem a materialidade destas relações. A finalidade deste artigo consiste na apresentação e discussão acerca dos objetivos, metodologia e resultados obtidos desta experiência, bem como na contribuição para o processo de ensino-aprendizagem relacionado ao desenho de observação não somente para o desenvolvimento da habilidade manual, mas, também, como instrumento de percepção, registro e de educação patrimonial.

Desenho e percepção do lugar

Parte-se do princípio de que o desenho de observação, além de ser uma forma de expressão, é um instrumento de interpretação da experiência de estar no lugar, atuando como um instrumento de análise e exploração da cidade. Para além do registro gráfico da materialidade do objeto, o desenho é impregnado de sensações vivenciadas durante o tempo em que se permanece realizando, diferentemente do clique instantâneo de um registro fotográfico amador. O desenho aprofunda a capacidade de ver, tratando-se então de um instrumento de investigação mais do que um fim em si mesmo. (RIBEIRO e CASTRAL, 2015). *“A representação gráfica extrapola o simples registro mecânico, é resultado de sensações, percepções e olhares críticos. O desenho pode permitir uma compreensão mais dilatada e reflexiva sobre o território, a paisagem, a cidade e a arquitetura.”* (LANCHA, VIZIOLI e CASTRAL, 2010).

Compreende-se que a permanência no lugar, necessária para a realização do desenho, coloca o sujeito não apenas na condição de observador, mas também como parte da ‘cena’, e por ela é sensibilizado. O registro pode omitir ou ressaltar aspectos do lugar, tanto pode se ater a pormenores, a particularidades, como pode conduzir o olhar a uma visão mais abrangente. *“Desenha-se o que chama atenção dos olhos, mas desenha-se também o que não se vê”* (RIBEIRO e CASTRAL, 2015). Desta forma, valoriza-se o processo de percepção, essencial para a formação de um olhar crítico, e não somente a técnica empregada na execução.

Entende-se que o desenho *“é uma das múltiplas linguagens que produzem um conhecimento mais rico sobre tudo que nos cerca”*. (KUSCHNIR, 2012, p. 295) e que o desenho nos possibilita *“conhecer o mundo”*: *“apresentar, revelar, manifestar, expor, marcar, dar provas de, realçar, atestar, salientar, deixar ver, fazer compreender, demonstrar, tornar visível”*. (KUSCHNIR, 2012, p. 296).

A ênfase no desenho como linguagem e representação buscará ser reforçada a partir das seguintes considerações:

- A prática do desenho como a possibilidade do acúmulo e construção de um quadro riquíssimo de imagens mentais (RICHARDS, in *Urban Sketchers em Lisboa: Desenhando a cidade*, 2012, p. 15-16);
- O desenhar como um processo exploratório de descoberta, *“no seio do qual as ideias visuais são imediatamente dotadas de forma, examinadas, recompostas e refinadas, estabelecendo um novo trampolim para mais ideias”*. (RICHARDS, in *Urban Sketchers em Lisboa: Desenhando a cidade*, 2012, p. 16);
- O desenho como processo de aprendizagem, onde, necessariamente, ao se desenhar, busca-se aprender algo, e algo a mais, sobre uma pluralidade de coisas (BREHM, in *Urban Sketchers em Lisboa: Desenhando a cidade*, 2012, p. 20). Em complemento, a ideia do desenhar como uma forma de conhecer, compreender, se apropriar, narrar, produzir. *“Desenhar para ver”* (KUSCHNIR, 2012, p. 295);
- O desenho como *“marca de expressividade”* de quem o faz, ou seja, como traço identitário da relação entre o sujeito e o objeto representado: *Desta forma, “Trata-se de desenhos onde os ‘objetos’ não existem em si mesmos; os objetos são sempre ‘objetos desenhados por alguém”*. (KUSCHNIR, 2012, p. 298).

Esta prática foi evidenciada diversas vezes por alguns arquitetos de referência. A título de exemplificação, nos reportamos à fala de Lúcio Costa, ao tratar do conceito de Desenho de Criação como uma expressão que, para além do ato de se reproduzir o que é identificado na paisagem, apresenta-se como uma ação de cunho reflexivo e transformador. (COSTA, 2012):

Não podemos deixar de citar os “diários de viagens”, dentre os quais nos reportamos a importância da “Viagem do Oriente”, para a formação de Le Corbusier. Neste sentido, citamos trecho do prefácio à versão francesa do referido livro: *“Durante essa viagem, de Dresden a Constantinopla, de Atenas a Pompéia, Jeanneret mantém um caderno no qual anota suas impressões e realiza uma série de desenhos que ensinam a olhar e a ver”*. (in *A Viagem do Oriente*, 2007).

Nessa perspectiva, interessa-nos esta apropriação a partir de uma ênfase e incentivo ao exercício do “olhar mais atento”, que privilegie a lógica – resistente – de um tempo lento em detrimento da imposição da lógica hegemônica de um tempo acelerado (SANTOS, 1989). A ênfase dada à implementação da lógica do tempo acelerado na sociedade contemporânea reduz, portanto, a possibilidade da experiência em nossas cidades, no sentido benjaminiano (BENJAMIN, 1996; GAGNEBIN, 1989).

Com relação ao “tempo do desenhar”, consideramos que há uma aproximação com a ideia de “tempo lento” trabalhada por Milton Santos. O professor e desenhador português Eduardo Salavisa, na introdução do livro “Caderno de Abrantes” – editado com os desenhos realizados numa residência na cidade de Abrantes – assim se reporta ao tempo do desenhador: *“Precisamos de tempo para nos identificarmos com uma cidade, para sabermos o que essa cidade tem para nos dar, para percebermos as suas fragilidades, as suas subtilezas, os seus tesouros. E as pessoas que as habitam”*¹.

Ou seja, a experiência de estar no lugar associada ao desenho de observação permite a construção de discursos sobre a cidade. *“Discursos que revelam a condição da experiência urbana condicionada pela relação entre o repertório do sujeito e as configurações espaciais em que está inserido”* (LANCHA, VIZIOLI e CASTRAL, 2010).

.....
¹Disponível em <http://diario-grafico.blogspot.com.br/> (acesso em 23 de junho de 2016)

E, portanto, na perspectiva de se promover a experiência do registro do lugar, através do desenho à mão livre, no sentido da re-descoberta e da re-significação da relação do sujeito com a própria cidade no decurso deste momento de vivência no lugar foi que se propôs essa atividade.

O que nos levou a Torres Vedras

Em maio de 2016 estivemos presentes no evento “2º Encontro Internacional de Desenhadores de Rua”, na cidade de Torres Vedras. Antes de adentrarmos no relato desta experiência, vemos a necessidade de se fazer uma contextualização com relação ao referido evento, que é parte integrante de um programa mais amplo, denominado “arte @o centro”.

O evento nasce em 2014, tendo como principal objetivo a dinamização do centro histórico da cidade, através de atividades artísticas que promovam um intercâmbio de experiências entre a população torriense, comerciantes, associações culturais, turistas e artistas convidados (locais, nacionais e internacionais). O projeto procura também valorizar o patrimônio, através do desenho de observação e a educação patrimonial é uma das prioridades na política de salvaguarda dos bens culturais e o “arte @o centro” tem-se afirmado como instrumento determinante na estratégia delineada pela Câmara Municipal de Torres Vedras nesta matéria.

Cabe ressaltar que estes programas estão inseridos em ações mais amplas, relacionadas as propostas de reabilitação de seu centro histórico, principiadas nos anos 1980, a partir do *Plano de Pormenor de Salvaguarda da Zona Histórica de Torres Vedras*, elaborado em 1987, seguido pelo *Plano de Pormenor de Reabilitação do Centro Histórico de Torres Vedras*, de 2010 e, o mais recentemente, pelo *Programa Torres ao Centro - Regeneração Urbana no Centro Histórico de Torres Vedras*, iniciado em 2012. Este programa, delineado pela gestão municipal em parceria com associações locais, visa a ocupação e reabilitação de edifícios, através da elaboração e execução de 15 projetos, abrangendo as dimensões urbana, econômica, social e cultural, bem como propostas de reapropriação do espaço público, através de atividades paralelas a estes projetos arquitetónico e/ou urbanos.³

.....
³ Sobre o assunto, consultar (Baptista, 2013) e (Torres ao Centro, 2010).

O “arte @o centro” insere-se como uma destas atividades paralelas, apresentando como estratégias de ação a ideia de “A rua como atelier” e espaço de partilha de experiências e conhecimento (artes plásticas; desenho de rua, fotografia, exposições, workshops, residências artísticas, conferências/palestras).

Nessa perspectiva é que foi construída a proposta do referido encontro de desenhadores de rua, atividade organizada pela Cooperativa de Comunicação e Cultura, tendo como coordenador o arquiteto André Baptista, integrante do corpo técnico da Municipalidade de Torres Vedras. Neste ano de 2015, o professor José Clewton do Nascimento (DARQ/UFRN) participou do referido evento, realizando o conjunto de oficinas proposto. Esta participação possibilitou ao professor um conhecimento acerca dos objetivos deste evento, notadamente a articulação entre a realização das atividades artísticas e a perspectiva de dinamização do centro histórico da cidade, através da utilização tanto dos monumentos destacados, como dos espaços requalificados, como espaços a receberem as atividades programadas.

A convite dos organizadores do evento em 2016, o professor José Clewton retornou à cidade para participar, desta vez como formador em uma das oficinas a serem realizadas. Neste ano, a estratégia utilizada no ano anterior não somente é retomada, como é ampliada, pois além dos monumentos consagrados e das áreas recentemente requalificadas, o patrimônio não consagrado e as futuras áreas a serem requalificadas foram espaços trabalhados como objetos-temas nas atividades propostas. Nesse sentido, identificamos uma nítida articulação entre as oficinas e os projetos de requalificação urbana, tanto os recém-realizados (Biblioteca Pública, Parque do Choupal), como os que estão em projeto, em vias de realização (encosta do bairro São Vicente). As referidas oficinas funcionam, portanto, também como espaços para divulgação destes projetos.

Como proposta de tema para a oficina, o professor José Clewton lançou a ideia de se trabalhar com “janelas da/na cidade”, consistindo na realização de uma atividade de desenhos de locação, com a finalidade de, a partir do incentivo à prática da observação / apreensão

são dos elementos que compõem a forma urbana das cidades, realizarem registros que expressem a materialidade destas relações. No caso específico, a abrangência dos registros se deu a partir de duas escalas, que procuraram abarcar desde relações de forma urbana mais amplas – relação entre edifícios e paisagem circundante (topografia, relevo, elementos naturais) – bem como relações vinculadas ao objeto arquitetônico em si – relações entre partes e todo, do edifício em si.

Na primeira escala, os registros foram denominados de registros de “janelas urbanas”, que consistiram na definição de um elemento a ser evidenciado como foco e na representação sob forma de desenho, da relação entre o foco e os elementos de entorno que o “emolduram/enquadram” (que pode ser espaço edificado, vegetação e outros).

Na segunda escala, os registros foram denominados como apreensões de “janelas de mediação”, que consistem em elementos que fazem relações de articulação entre interior e exterior das edificações (portas, janelas, pórticos, portais e outros) ou partes destes.

Com a participação da professora Eunádia Cavalcante (DARQ/UFRN) no evento, pôde-se apresentar à organização do evento uma proposta de realização da oficina “janelas da/na cidade” para um público-alvo distinto, composto por alunos de uma escola secundária do município de Torres Vedras. Passaremos a partir de então ao relato desta experiência.

Desenhando Torres Vedras

A atividade foi ministrada para duas turmas, com vinte alunos cada, da Escola Secundária Henriques Nogueira, que compareceram acompanhados da sua professora de desenho. Com a duração de quatro horas e três momentos distintos de execução, os participantes foram incentivados a observar e a utilizar técnicas de desenho já conhecidas, uma vez que o propósito da atividade não considera a técnica em si, mas sim o registro de um olhar mais atento para o ambiente circundante.

O primeiro momento da atividade ocorreu em uma sala de formação do edifício da Câmara Escura da Cooperativa de Comunicação e Cultura e consistiu na apresentação da proposta, bem como dos resultados espe-

rados. Como forma de possibilitar o intercâmbio entre Brasil e Portugal, a explanação teve como base desenhos de locação realizados em sítios históricos brasileiros, notáveis referências da “maneira de fazer” cidade e arquitetura pelos portugueses, tais como as cidades de Olinda/PE, Ouro Preto e São João del Rei/MG. Tais desenhos ilustram a interpretação, a partir de um olhar mais atento, dada à situação vivenciada pelo observador que, quando em contato com o lugar, se apercebe das relações, intencionais ou não, existentes entre os edifícios, o distanciamento entre eles; a variação do desenho e largura das ruas; a existência de elementos que anunciam a aproximação de um edifício de maior importância hierárquica, como as igrejas, por exemplo. Outro ponto de vista, deve se ater ao edifício, suas partes constituintes, a relação entre cheios e vazios, ao desenho e materiais de seus elementos, com destaque para os que articulam o edifício com a rua.

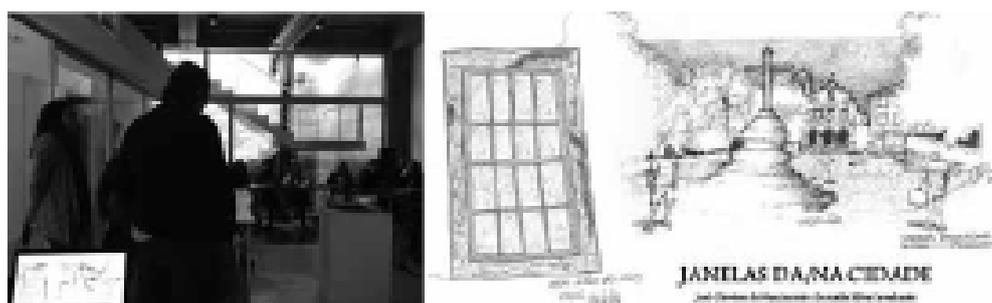


Fig. 03 | Primeiro momento: apresentação da atividade

No segundo momento o grupo se deslocou por um percurso pré-estabelecido em trecho do sítio histórico da cidade para desenvolver a atividade de apreensão e registro de “janelas urbanas” e “janelas de mediação”. Ao longo deste trajeto, os professores orientaram os alunos a observar a dinâmica do espaço construído da cidade, do que estas “janelas urbanas” são constituídas (elementos construídos ou naturais), o que elas emolduram (edifícios ou paisagens) e como elas podem servir como referências para orientação e leitura das cidades; além de observar os próprios edifícios. Após o percurso, chegando no largo da igreja de Santiago, os alunos foram incentivados a buscar essas janelas e a fazer um ou mais registros gráficos durante o tempo determinado de quarenta minutos. Constatou-se que o tempo foi suficiente para uma imersão no lugar e percepção daquilo que eles foram orientados a observar.



Fig. 02 | Segundo momento: realização dos registros gráficos.

Os registros foram realizados utilizando como suporte cadernos de tamanhos variados ou folhas de papel avulsas e como instrumento lápis grafite, lápis de cor, canetas, marcadores ou aquarela. Ressaltamos que nesta atividade, a técnica empregada na elaboração do desenho não se apresenta como o aspecto mais relevante. A ideia é que fosse utilizada qualquer técnica conhecida que, facilitasse a execução do exercício sugerido. Desta forma, foram apresentados desenhos bastante expressivos realizados com poucos traços e monocromáticos, nos quais elementos como o limite da rua são apenas sugeridos pelos próprios limites dos edifícios e não são desenhados de fato [1]; outros são bastante elaborados [2], marcam elementos dos edifícios/paisagem destacando detalhes quer pelo traço ou pelo uso de cores; há os que inserem a figura do próprio observador na cena [3]; e aqueles que destacam vegetação e mobiliário urbano [4] como molduras/janelas. As “janelas” sugeridas se desdobraram em janelas permitidas pelo tamanho do papel, quando o que se tinha para desenhar extrapolava os seus limites [4]; em janelas para o passado, com o registro de detalhes de técnicas construtivas antigas [5]; em outro a janela é marcada com traços rápidos e o elemento focal é reforçado e deslocado para o primeiro plano pela inserção de textura. Ou seja, em ter-

mos de percepção e registros do lugar, podem ser observadas diversas formas de “ver” a cidade, há olhares que se fixam nos pormenores; aqueles que registram o entorno próximo inserindo elementos que estão em deslocamento (pessoas por exemplo) e aqueles que expandem a visão e se apropriam de elementos circundantes como ponto focal da cena ou como pano de fundo.



Fig. 03 |
Registros gráficos
da primeira turma

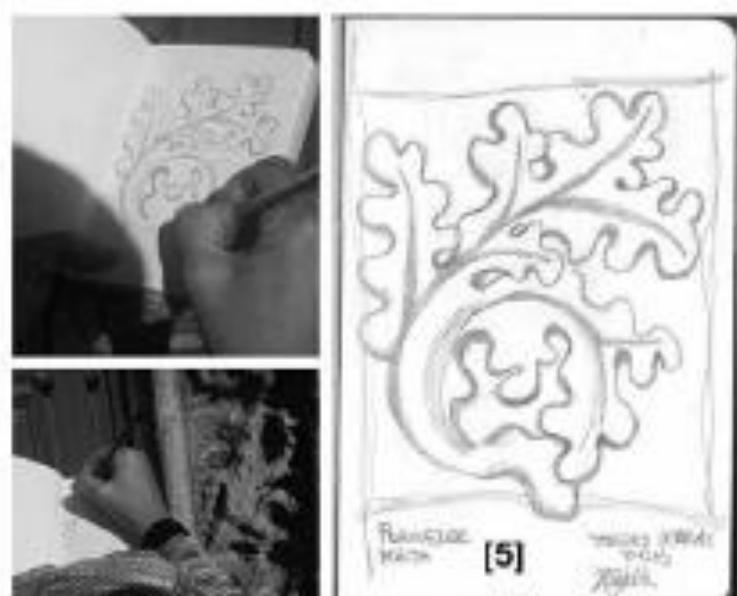


Fig. 04 |
Desenho
de pormenor



Fig. 05 | Registros gráficos da segunda turma

Ao final da atividade prática, todos se reuniram em torno dos desenhos para discutir sobre o que foi apreendido e sobre como a atividade interferiu na forma de ver/perceber o espaço construído. Neste momento, denominado partilha, alguns, a princípio, sentem receio em exibir seus registros, intimidam-se diante dos desenhos dos colegas. Mas, à medida que comentamos sobre as diversas formas de olhar para a cidade expressas nos desenhos, independentemente da técnica utilizada ou da perfeição dos traços, os participantes sentem-se motivados a participar e a falar sobre sua experiência. Houve relatos daqueles que pouco frequentam o local e que a atividade levou a um olhar mais atento sobre o lugar e as partes que o compõe; outros destacam que a permanência no lugar por um tempo maior dedicando-se ao desenho e, conseqüentemente, a observação permitiu apurar o olhar. Ter uma definição prévia de como o espaço deveria ser observado, foi apontado como facilitador da atividade, da mesma forma que a liberdade de se fazer o registro. No final, todos concordaram que a atividade modificou a forma de ver/perceber os espaços que definem a cidade.



Fig. 06 | Terceiro momento: partilha

Considerações Finais

Este artigo buscou apresentar uma das atividades que envolve desenho e percepção realizada na cidade de Torres Vedras, Portugal, e que foi anteriormente desenvolvida com alunos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo no Brasil das cidades de Natal/RN, João Pessoa/PB e São João del Rei/MG. Como desdobramento desta série de atividades, ofertamos uma disciplina de ateliê optativa no Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFRN ministrada para alunos dos primeiros períodos do curso, com o objetivo incentivar a linguagem gráfica manual tanto para a análise e percepção do lugar, quanto para o desenvolvimento das ideias iniciais de projeto. Espera-se com a disseminação de atividades como essa, incentivar a prática do desenho à mão livre, resgatando-o como instrumento de construção de repertório e relação com a cidade, com vistas à valorização e preservação do espaço construído e da paisagem, de forma a contribuir com a educação patrimonial nas escolas e universidades.

Bibliografia

- BAPTISTA, André Duarte. *O lugar como simbiose: Centro histórico de Torres Vedras*, Dissertação de mestrado, ECAATI - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. Lisboa, 2013.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*, São Paulo: Brasiliense, 1996. v. 1.
- CÂMARA MUNICIPAL DE TORRES VEDRAS. *Torres ao Centro: regeneração urbana no centro histórico de Torres Vedras*, 2010.
- COSTA, Lucio. *Arquitetura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

- KUSCHNIR, Karina. *Desenhando Cidades*. In: *Revista sociologia & antropologia*, v.02.04, 2012.
- LANCHA, Joubert; VIZIOLI, Simone e CASTRAL, Paulo, *O Caderno de Viagem, o Ensino e a Percepção da Cidade*, SHCU - 1990, Vitória, v. 11, n. 5, 2010;
- LE CORBUSIER. *A Viagem do Oriente*. São Paulo: CosacNaify, 2007.
- SANTOS, Milton. *A natureza do Espaço: espaço e tempo: razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1989.
- RIBEIRO, Beatriz e CASTRAL, Paulo, *O ensino de Desenho no curso de Arquitetura da FAUP Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU.USP)*, p. 169, XXXIV ENSEA, XVIII CONABEA, Natal, 2015.
- URBAN SKETCHERS EM LISBOA. *Desenhando a Cidade*. Lisboa: Quimera Editores, 2012.

Internet

<http://diariografico.com/> (Eduardo Salavisa)

<http://diario-grafico.blogspot.com.br/> (Eduardo Salavisa)